



O Ideário Patrimonial О идеарио

Na Rota dos Mosteiros
Património da Humanidade (e
outros Patrimónios)



O Ideário
Patrimonial
О идеарио

www.cta.ipt.pt

N. 07 // dezembro 2016 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar
Professora Especialista Fernando Salvador Sanchez, Instituto Politécnico de Tomar
Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Professor Catedrático Carlos Costa, Universidade de Aveiro
Professor Doutor Carlos Cupeto, Universidade de Évora
Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Professor Doutor Fabio Negrino, Università degli Studi di Genova
Professora Doutora Hália Santos, Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal
Professora Doutora Maria João Bom, Instituto Politécnico de Tomar

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183-1394

ANOTADA DA ERC

REGISTADA NA INPI

Os textos são da inteira responsabilidade dos autores



Índice

EDITORIAL	04
Introdução. O Mosteiro da Batalha e o(s) seu(s) Território(s) Joaquim Ruivo	06
Do Património Natural aos Patrimónios Culturais – a Singularidade do Cársico Estremenho Nuno Carvalho e Mário Oliveira	13
A Âncora de um Imenso Navio António Jorge Figueiredo	25
Património Industrial dos Antigos Coutos de Alcobaça António Maduro	44
Os Administradores da Fábrica do Juncal e a Real Casa da Nazaré Maria Filomena Costa Coelho da Silva Martins	57
Mosaico	66
Caixa Geral de Depósitos. Os Depósitos Públicos e o aparecimento da Junta do Crédito Público Joaquim Pombo Gonçalves e Helena Real Gomes	67
Territórios Culturais: Sagrado e Profano na Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro e suas relações com a Cidade, o Turismo e o Patrimônio Cultural Elis Regina Barbosa Angelo	78
Paisagem Cultural: Caminhos e Possibilidades da Educação Patrimonial como Experiência Interdisciplinar Lauro César Figueiredo e Marta Rosa Borin	103
Rio de Janeiro – Lisboa, um Programa de Estudos sobre Imagética: 10 anos de cooperação pedagógica e científica entre Universidades Maria Leonor García da Cruz	114

EDITORIAL



Editorial

Este número de Dezembro surge dividido em duas partes.

A primeira parte consta dos artigos produzidos depois das apresentações que tiveram lugar no III Fórum cuja temática versava sobre Patrimónios.

O III Fórum “Património Natural, Etnográfico e Arqueológico. Na rota dos Mosteiros Património da Humanidade – Alcobaça, Batalha e Tomar: outros patrimónios a salvaguardar” é organizado pelo Instituto Politécnico de Tomar, a Câmara Municipal da Batalha, o CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»), o Mosteiro de Santa Maria da Vitória (Batalha) e o Convento de Cristo (Tomar), com o objetivo trazer a lume património natural, etnográfico e arqueológico que gravita na órbita do grande eixo de Património da Humanidade definido pelos mosteiros de Alcobaça e Batalha e pelo Convento de Cristo, em Tomar.

A relevância destes três monumentos transporta virtudes e também algumas dificuldades acrescidas no processo de estudo e valorização de “outros patrimónios”. De facto, a sua projeção internacional constitui uma garantia de um permanente interesse pela região, desde logo, em termos científicos, mas também numa perspetiva mais abrangente de fruição cultural. No entanto, também existe uma perceção de que a presença destas fortes marcas patrimoniais pode, se não devidamente tido em conta, absorver uma atenção, de alguma forma, propícia a um diminuto investimento em patrimónios relacionados entre si e que explicam, em boa parte, aqueles monumentos. Estes “outros patrimónios” representam, de resto, um manancial de valorização territorial suscetível de ser evidenciado de forma acrescida.

Como sucedeu nas edições precedentes, este fórum pretende abrir um espaço a estudos de investigadores de diversas áreas e cujos resultados e reflexões se pretende dar a conhecer, no interesse das comunidades que diariamente convivem com as suas paisagens, identidade e memórias e, neste caso, contribuir para potenciar, com utilidade recíproca, as valências de um eixo patrimonial de projeção inestimável.

A segunda parte consta de artigos enviados para publicação na Ideário como o artigo acerca do primórdios da CGD, e sobre tradições, costumes e ambientes de discussão teóricos vindo do outro lado do Atlântico (Brasil).

O conteúdo deste número é concerteza um convite a entrar no mundo da Ideário.

Mosaico



**TERRITÓRIOS CULTURAIS: SAGRADO E PROFANO NA FEIRA
DE SÃO CRISTÓVÃO NO RIO DE JANEIRO E SUAS RELAÇÕES
COM A CIDADE, O TURISMO E O PATRIMÔNIO CULTURAL**

**CULTURAL TERRITORIES: SACRED AND PROFANE IN THE SÃO
CRISTÓVÃO FAIR, IN RIO DE JANEIRO AND YOUR RELATIONS
WITH THE CITY, TOURISM AND CULTURAL HERITAGE**

Elis Regina Barbosa Angelo

Doutora em História
elis@familiaangelo.com



Territórios Culturais: Sagrado e Profano na Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro e suas Relações com a Cidade, o Turismo e o Patrimônio Cultural

Cultural Territories: Sacred and Profane in the São Cristóvão Fair, in Rio de Janeiro and your Relations with the City, Tourism and Cultural Heritage

Elis Regina Barbosa Angelo

Historial do artigo:

Recebido a 09 de dezembro de 2016

Revisto a 12 de dezembro de 2016

Aceite a 17 de dezembro de 2016

RESUMO

Esse artigo tem como principal enfoque estudar as representações culturais da vida e obra de Padre Cícero Romão Batista e as relações de religiosidade, fé e consumo na Feira de São Cristóvão, Rio de Janeiro, entre visitantes, turistas e mantenedores das identidades. Com especial atenção às fontes diversificadas de documentos e objetos sob o poder de “guardiões da memória”, na concepção do lugar, das pessoas e dos objetos e a museologia, aspira-se compreender as relações ali representadas e formadas a partir da combinação de elementos que despertam as mais variadas “identidades” do povo nordestino. Nessa localidade, se concentra a diversidade dos nove estados nordestinos em termos de participação e comunhão do lugar e especialmente as relações ora estabelecidas a partir do lugar de memória identitária, a ser analisada e pensada em termos de concepção do lugar/território. Como metodologia, foi elaborado inventário de bens para direcionar quais os elementos de representação da vida do padre estão condensados nesse espaço, que incluem mobiliário, vestes, documentos e registros manuscritos de pessoas que tiveram contato com ele e de lembranças, memórias e testemunhos vivos. Também foi aplicada pesquisa quantitativa, por meio de questionários estruturados, aplicados para os feirantes e comerciantes e os frequentadores em geral, numa amostragem de 346 questionários, de forma a compreender as relações entre o turismo, a religiosidade e a imagem do padre Cícero. Como resultado compreendeu-se a partir dos sentidos da manutenção da religiosidade pela cultura popular, pela representação do padre e pela ideia de manter os elos com a terra, a história, e a figura do líder em outros tempos/espacos, as relações entre memória, história e turismo, numa tríade capaz de ampliar as discussões sobre como se forma o patrimônio cultural da religiosidade dos nordestinos nesse recanto.

Palavras-Chave: Padre Cícero, Feira de São Cristóvão, Memória, Turismo

ABSTRACT

This article's main focus is to study the cultural representations of the life and work of Father Cicero Romao Batista and the religious, faith and consumption relations in the São Cristóvão Fair, in Rio de Janeiro, between visitors, tourists and maintainers of identities. With special attention to diversified sources of documents and objects under the power of "guardians of memory", in the place, people and objects conception and museology, this research aims to understand the relationships represented there and formed from the combination of elements which arouse the various "identities" of the northeastern people. In this location, it focuses the diversity of the nine northeastern states in terms of participation and communion of the place and especially the relationship now established from the place of identity memory, to be analyzed and considered in terms of conception of the place / territory. As methodology, it was prepared an inventory of goods to give direction about which are the elements of representation of the priest life that are condensed in this space, including furniture, clothing, documents and handwritten records of people who had contact with him and memories and living witnesses. It was also applied quantitative research through structured questionnaires administered to and the general audience, on a sample of 346 questionnaires in order to understand the relationships between tourism, religion and the image of Father Cicero. As a result, it was comprehended from the senses of religion maintenance in popular culture, the representation of the priest and the idea of maintaining links with the land, history, and the leader figure in another time / space, the relationship between memory, history and tourism, a triad able to broaden the discussions on how to form the cultural heritage of the religiousness of this northeastern in this place.

Keywords: Priest Cicero, São Cristóvão Fair, Memories, Tourism.

1. Introdução

Esse artigo tem como principal enfoque, estudar por meio dos elementos de memória e história, as representações culturais da vida e obra de Padre Cícero (NETO, 2009), em territórios diferentes de onde viveu, especialmente por meio da exposição de documentos e objetos sob o poder de "guardiões da memória", realizada no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas - Feira de São Cristóvão – na cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, aspira a partir das representações de religiosidade - por meio da conservação de acervos, tanto materiais quanto imateriais, e da leitura de outros sujeitos que participaram da experiência de vida de padre Cícero-, que compõem espaços de memória, compreender como os sentidos de fé e de tradições religiosas, além de continuar a manutenção das identidades do povo nordestino, corroboram com o pertencimento dos migrantes nordestinos no Estado do Rio de Janeiro e fomentam o turismo por meio das relações entre lugar, objetos e simbologias que identificam temporalidades, religiosidade e consumo.

O Centro, cujo nome homenageia o grande cantor popular, sendo mais conhecido por Feira de São Cristóvão ou Feira dos "Paraíba's", promove a cultura e o comércio de produtos do nordeste brasileiro. Esse espaço, hoje administrado pela Prefeitura Municipal, oferece acesso às tradições nordestinas, representadas de diversas formas, principalmente com a culinária e a música. O pavilhão possui dois palcos para apresentações de artistas nordestinos ou grandes nomes da música popular brasileira e, assim, sempre se pode encontrar alguns repentistas, os cantores e poetas, que, com uma palavra, ou assunto fazem rimas cantadas de improviso. Existem centenas de barracas de artesanatos, CDs, doces, bebidas, vestuário, decoração, utensílios domésticos de culinária, além de inúmeras opções de restaurantes. Portanto, como atraem turistas, numa

proporção de cerca de 90 mil pessoas por mês, preservando a cultura nordestina, foi o local escolhido para difundir e celebrar o mito do Padre Cícero, incluindo turistas do Brasil e do mundo, especialmente nos finais de semana e feriados, onde há a maior concentração de visitantes. (VALVERDE, 2011, p.82)

A figura religiosa referida, carinhosamente “Padim Ciço” para seus seguidores, nasceu na cidade de Crato, em 1844 e faleceu em Juazeiro do Norte, no ano de 1934, ambas no Estado do Ceará, na região nordeste do Brasil. A história de Padre Cícero pode ser vista como um misto de fé e poder, pois foi um sertanejo carismático que, por sua determinação, organizou uma comunidade no interior cearense, exercendo nela a liderança sacerdotal e política. Viveu uma vida religiosa controversa, mas adquiriu grande prestígio como santo milagreiro, tendo muitas vezes conflitos com a Igreja Católica, na medida em que seu primeiro fato milagroso, o “milagre da hóstia”, não foi reconhecido por ela. Apesar disso, seus seguidores aumentaram e, até os dias atuais, possui muitos fiéis que visitam em romaria a cidade na qual viveu e atuou como religioso e político na região. Em nota de curiosidade, esse personagem foi escolhido em 2001, como o “Cearense do século” e, em 2012, como um dos “100 maiores brasileiros de todos os tempos”, peregrinações, devoções e outras manifestações foram feitas e divulgadas por meio de redes de comunicação. (BRAGA, 2015) Enfim, em abril de 2016, obteve o perdão da Santa Sé, fato amplamente comemorado com romaria e festas em Juazeiro do Norte.

Na relação entre o nordeste e o Rio de Janeiro, alguns elementos vão sendo dotados de sentidos, como é o caso da figura/imagem do padre Cícero. O assessor de Imprensa da Feira de São Cristóvão, Marcelo Fraga, em entrevista, realizada em 01 de dezembro de 2015, na feira de São Cristóvão, comentou que nos meses de agosto, setembro e outubro de 2014, o Centro de Tradições Nordestinas apresentou uma exposição sobre Padre Cícero Romão Baptista. Nela, os visitantes tiveram conhecimento dos milagres que lhe foram atribuídos - embora fosse afastado de suas funções sacerdotais pela igreja -, sua história política de 16 anos, quando se tornou prefeito de Juazeiro (1911), primeiro vice-governador do Estado da Paraíba e deputado federal, cargo este que não assumiu para não abandonar os fiéis, afora várias relíquias ligadas à vida do padre. Dentre seus pertences pessoais, estavam: Título de Eleitor, batina, cartas, fotografias, sendo muitas inéditas. Essa exposição foi considerada a primeira maior fora do nordeste e a segunda do Brasil, segundo seu depoimento. Na biblioteca do Centro, viu-se um acervo de obras de cordelistas existentes na cordelteca e de outros livros, que retratam tradições da região nordeste, coletâneas editoriais do padre e alguns objetos adquiridos de dona Generosa Alencar. Segundo Tito (2014), essa senhora, uma beata considerada sua última pupila, lia para ele quando já não podia fazê-lo devido ao mal de cataratas, mas que, após a morte do padre, converteu-se ao Evangelho Protestante. O acervo esteve à mostra para visita nas sextas, sábados e domingos, das 10 às 20 horas nos meses de agosto a outubro de 2014 citados.

Ao analisar o significado social, cultural, religioso e turístico da exposição da vida e obra do Padre Cícero, relacionou-se esse fato tanto com a memória histórica dos brasileiros quanto com o turismo.

2. Representação cultural do Padre Cícero: as relações entre museu, território e turismo

Ao considerar as representações culturais de fé e devoção da cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, com a imagem de Padre Cícero Romão Baptista, diversas inquietações surgem,

especialmente sob a vida e obra de uma das figuras mais emblemáticas do Brasil que, ao longo de sua trajetória, passou por muitos percalços e mudanças tanto de direção quanto de posição social, política e religiosa. Especialmente, por conta de sua conversão em importante líder religioso e, conseqüentemente, num santo de devoção popular, que rendeu e ainda promove diversas apreensões no meio acadêmico e religioso, além daquela cidade, ter se tornado um significativo centro de visitas turísticas de cunho religioso e da cultura popular.

A organização de acervos sobre sua vida e obra acabou ficando dispersa em lugares de memória distintos, como é o caso do centro de Tradições Nordestinas do Rio de Janeiro, que, ao ter como missão a manutenção das identidades do povo nordestino, trouxe em seu bojo uma significativa identificação com a história do Ceará, mais especificamente sobre Juazeiro do Norte cuja figura simbólica é o padre Cícero. Nessa correlação, entre a simbologia da figura e a sua representação e multiplicação, torna-se oferta dentro de uma combinação estruturante entre o turismo e o lugar de memória. Nas considerações de Moesch (2000), dentro da perspectiva dialética histórico-estrutural, o turismo é [...] “Uma combinação complexa de interrelacionamento entre produção e serviços” e, essa prática acumula de certo modo uma “herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais [...] (p.09) e, isso favorece a interlocução dos sujeitos, lugares e das identificações simbólicas, nesse caso a religiosidade e a fé ao padre Cícero.

Neste contexto de multiplicação da história e memória do padre fora do seu espaço de existência, a elocução pode ser considerada relevante exposição do Brasil e a primeira maior fora do nordeste, pois se fortalece não apenas com o entorno, no bairro de São Cristóvão, mas por conta da concentração de nordestinos no Rio de Janeiro e de inúmeros turistas que também visitam a feira, pela identificação e pertencimento dos migrantes, que saíram de sua terra em busca de novas oportunidades pelo Brasil. Nesse sentido, segundo jornal, a feira contabilizou no ano de 2008, cerca de 30 milhões de visitantes. (DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, 2008)

Da relação de escolha pela identificação e mesmo pela variedade do que se comercializa nos espaços da feira, ela foi sendo palco de uma complexa e variada esfera de atrativos culturais, especialmente voltados para o público nordestino e simpatizante, pois, “O pedacinho do nordeste”, como é conhecida, completou 70 anos em 2015 e mantém diariamente atividades como festas, mostras, museu, cinema, música e dança, além de gastronomia, shows, artesanato e outras *tipificidades* nordestinas.

Esses visitantes, entre turistas e moradores da cidade e da região, ao entenderem sua aproximação com a memória efetivada nos recantos da feira, possuem, de certa forma, uma ligação com a vida e obra de uma figura emblemática da história do Brasil. *A priori* esta ação *in memoriam* ao padre Cícero traz consigo um olhar para as representações simbólicas do povo nordestino, com especial atenção às questões populares. Esses visitantes da Feira de São Cristóvão demonstram simpatia e identificação com tudo que se referencia à história do nordeste, dos sabores, das imagens e símbolos, dos sentidos e saberes, bem como aos espaços e fronteiras do sagrado e do profano da vida cotidiana, pois, este espaço da Feira corrobora com o sentido de pertencer a uma terra, uma gente e uma sintonia que somente os “seus” poderiam entender. Para isso, a pesquisa empírica com os visitantes mostra que, de uma amostragem de 346 pesquisados, 82% se referem à identificação com a comida, a arte, as cores e sensações, pois, vêem na feira um lugar que os faz “voltar” à terra natal.

Essa perspectiva de reconhecimento dos sentidos que os objetos e instrumentos de memória possuem para a história foram fundamentais para os objetivos desse projeto, pois, ao considerar que os componentes de memória fazem parte da formação dos sujeitos históricos, busca-se entender como os sujeitos inscritos nesse novo espaço/território tratam as questões da

memória, do passado, presente e futuro das representações, tais como a figura/imagem e fé no padre Cícero.

Para Pierre Nora, os lugares formam-se tanto da intenção em manter viva a imagem de tradição quanto da seleção de uma organização voluntária, intencional e seletiva da mesma. A memória só vive por meio dos objetos que a referencia (NORA, 1993). Os lugares de memória nascem de um sentido formado a partir do conceito de que não há conhecimento espontâneo, considerando a necessidade que se tem em acumular vestígios, testemunhos, documentos sobre o passado, entre muitos outros elementos capazes de formar provas e registros do que foi sucedido.

Neste caso da exposição do acervo do padre Cícero, a feira de São Cristóvão apoia-se na ideia de que, enquanto instituição que tem também um cunho museológico, possuindo arquivos, biblioteca, objetos e instrumentos que de certo modo têm a missão de salvaguardar a memória, passou de múltipla e coletiva, para única e sagrada, pois se refere à religiosidade popular, à memória da terra e dos antepassados. Em análise dos dados, a amostragem sugere que, os adeptos de padre Cícero têm na sua essência a história e a memória do povo das regiões de sertão nordestino.

O museu, como uma construção social, enquadra-se na formação do sentido de memória, onde os artefatos são meios de voltar a um tempo/espço “propícios à pesquisa histórica, [...], aptos em inserir os objetos em seu contexto de produção e significação social” (JULIÃO, 2006, p. 95). Essa aptidão do museu volta a fornecer a imagem do objeto tanto no contexto em que foi criado (passado) quanto no atual e futuro, revelando os sentidos criados e recriados em outros territórios, como é o caso da feira de São Cristóvão. Nora (1993) esclarece que a memória produzida nesses lugares é voluntária e seletiva, ao passo que essa referida foi incorporada com uma finalidade também específica: valorizar a vida e obra do Padre Cícero.

Esse lugar de memória, que é o museu, passou a ter a ideia de reivindicação do direito de “cultivar” suas lembranças (RIOS e RAMOS, 2010). Nesse caso, a necessidade de mostrar aos “seus”, quem é, ou quem “são”, os símbolos, imagens, pessoas e lugares que identificam a cultura nordestina.



Figura 1. Museu Luiz Gonzaga – Feira de São Cristóvão, RJ. Fonte:Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo

Para compreender quais são os objetos mais alinhados à formação da representação da cultura do padre Cícero, entre os quais se justificam como objetivos primordiais de memória e identidade, a Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro busca manter a história viva sobre os personagens, sujeitos e personalidades mais importantes do nordeste, simbolizada nos espaços diversos da feira e rememorada em museus, mostras, livros, artigos e espaços. (NEMER, 2016) Esse museu, conhecido como “O canto da religiosidade” traz como elementos de memória, objetos que relacionam a fé, a religiosidade e o encontro com o lugar do passado, nesse caso, a despeito do Ceará, onde se concentram inúmeras relações com os objetos produzidos no sentido do passado sertanejo.

No caso dos outros territórios, como a proposta desse “outro lugar” que é a feira na cidade do Rio de Janeiro, percebe-se que, além dos comerciantes e visitantes, a maioria dos usuários mantém um elo de pertencimento e identificação com os municípios que fazem parte do universo simbólico nordestino, ao considerar a relação de migrações para o sudeste do país, em especial nas décadas de 1940 a 1960. A relação de formação do bairro a partir dos migrantes de regiões do nordeste, incluindo os nove estados que fazem parte da região, fornece elementos de identificação e historicidade, pois, “para além dos objetos em si, com vistas a inseri-los no mundo que os cercam, reconhecendo sua historicidade, suas relações com contextos sociais específicos” (JULIÃO, 2006, p. 95), as cidades debruçam-se nesses contextos, e, nesse caso, de nordestinos.

Essa escolha de objetos de memória não encerra sua contextualização e as experiências postuladas no universo de símbolos agregados à ideia do mentor de inúmeras pessoas que

corroboram com os milagres do padre, com as suas idas e vindas aceitas pela Igreja e, recentemente, com a acolhida dessa personagem religiosa pelo Vaticano.

Na atual conjuntura, na qual o Vaticano repensa o papel do padre Cícero e os seus milagres, os artefatos/objetos de recordação fatos religiosos passam a ter uma valorização diferente, a ser parte de um acervo aceito e dignificado por autoridades eclesiais, ou seja, o valor atribuído aos mesmos muda de figura. Como mencionado por Bourdieu (1998), a simbologia depende de quem lhe atribui o valor.

Uma carta do Secretário de Estado de Sua Santidade, o Cardeal Pietro Parolin, datada de 20 de outubro de 2015 e dada a conhecer no dia 13 de dezembro do mesmo ano, data da abertura das portas santas da misericórdia nas catedrais do mundo, reconhecendo as virtudes e bem que o Padre Cícero fez ao povo de Deus no Nordeste foi amplamente divulgada no final do ano passado. (RADIO VATICANO, 2015)

Essa aceitação religiosa corrobora com a aproximação dos visitantes, turistas e moradores, na medida em que, os objetos inventariados fazem parte do acervo de memória do museu, que, ao elegê-los enquanto artefatos vividos pela “simbologia” do sagrado na vida do padre referenciam um pouco de seus feitos e do próprio cotidiano que vivia em Juazeiro do Norte.

Essas relíquias foram sendo adquiridas em Juazeiro do Norte e toda região do Cariri, por meio de relações comerciais entre pessoas, portadores de histórias e as próprias memórias do padre e de seus amigos, parentes e conterrâneos. Dessa relação estão os objetos que de certo modo, foram parte do cotidiano de padre Cícero e das pessoas mais próximas que viviam com ele, tem-se:

1 caderno ; 19 boletins informativos; 1 pasta de fotografia e anotações (expocrato); 619 fotos; 1 cartilha (programa de geografia); 2 folheto do memorial do Padre Cícero; 3 pastas de documentos ; 2 cartas; 1 roteiro de excursão ; 1 folha com posses do Padre Cícero; 1 folha com anotações ; 1 documento de aposentadoria (Maria); 7 anotações; 1 manual de instruções; 2 recibos ; 5 informativos; 1 xerox de documentos (Vicente Tavares Leite); 1 livro ; 1 álbum de fotos ; 1 livro de azulejo Portugueses; 1 Bandeirinha de Fátima ; 1 Baú; 1 cofre; 1 porta lápis; 24 fotos grandes ; 1 garrafa ; 4 pratos ; 2 leques ; 1 caixa com objetos ; 1 maquina de escrever ; 20 quadros ; 1 disquete ; 6 guardanapos; 1 abotoadeira ; 1 seringa; 1 furador de papel ; 1 broche; 1 terço; 3 punhais; 1 aspersor; 1 almofariz ; 5 balas (de arma); 9 talheres ; 1 baú; 1 criado mudo; 1 fiteiro ; 1 reque; 2 jarros ; 1 rec.; 1 máquina de costura; 12 pastas; 13 cartões telefônicos; 16 jornais; 1 revista(modas); 16 revistas; 3 boletins; 3 livros; 1 Lista telefônica; 1 semanário ; 2 cartilhas; 2 Livros ; 1 pasta com declaração de imposto de renda; 2 anuários; 1 pasta com fotos; 1 cédula de 100 contos de réis; 1 carta pastoral; 7 panfleto pastoral; 2 livretos (beatificação Bento XVI); 1 estatuto; 1 caderno do Padre Cícero; 1 convite; 1 Livro (O auto do cangaço); Papeis relacionados ao memorial do Padre Cícero (média 100 folhas); 16 Documentos gerais; Aproximadamente 3.000 páginas. (PESQUISA DE DOCUMENTOS, 2016)

As relíquias formam um acervo importante sobre o padre na feira de São Cristóvão, começam a fazer parte da feira e da curiosidade dos visitantes com um espaço entre o sagrado e o profano, onde dialogam diversificados credos e formas de ver e entender as relações de religiosidade com Juazeiro do Norte e o Rio de Janeiro.

De cada um dos objetos, algumas relações foram sendo efetivadas, seja pela afetividade ao mesmo, seja pela relevância sobre sua vida neles contida, como os cadernos de receitas, os manuscritos e objetos de uso pessoal, que foram tendo valor sentimental e museológico e ao mesmo tempo um valor financeiro importante para os que guardavam suas histórias, os móveis,

artefatos, objetos de uso pessoal, as batinas usadas durante as atribuições eclesásticas, e outros objetos que atentam a ele algum significado próximo.

Outros documentos, transcritos para análise dentro de um projeto complexo, que compreende as relações mais estreitas entre os visitantes e a fé na imagem e na concepção do padre enquanto uma figura sagrada foi elaborado na universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, intitulado: Leituras do Patrimônio Cultural em Outros Territórios Simbólicos: As Representações Culturais do Padre Cícero na Feira de São Cristóvão – Rio de Janeiro. Desse ponto de partida, recortou-se elementos para essa análise, como proposta da extensão, da parceria entre a instituição e a feira de São Cristóvão e trouxe para ambas as relações entre a religiosidade, a cultura do povo nordestino e as transformações oriundas do processo de integração na cidade do Rio de Janeiro dos processos migratórios oriundos das décadas de 1950 a 1980.

Assim, as produções de sentido a partir dos objetos e memórias guardados vão definindo um caminho curioso para os seus usos, tanto dentro do espaço de produção (Juazeiro do Norte) quanto do seu espaço de apropriação (Rio de Janeiro na Feira de São Cristóvão).

As relíquias podem ser consideradas objetos de veneração religiosa, por isso definida nesse contexto como tal, além de simples objetos de uso cotidiano, incluindo a produção e o uso dos mesmos no dia a dia, em temporalidade adequada à vida do padre, além de artefatos, enquanto objetos manufaturados, cuja produção foi mecanicamente concebida, como os objetos produzidos em madeira, olaria, entre outros e, como, vão tomando rumos distintos, mas algumas pessoas guardaram para posterior uso essas memórias, como se pode observar nesse recorte de jornal:

Contemporâneos relembram convivência

"Eu era uma das poucas pessoas que pensavam que depois da morte do Padre Cícero, Juazeiro ia se acabar!" É assim que ainda hoje D. Angélica Soares Rodrigues, 100 anos de idade, uma das poucas pessoas, ainda vivas, que conviveram com o Patriarca de Juazeiro, relembra a data da morte do sacerdote, naquela manhã do dia 20 de julho de 1934. Foram 40 anos vividos, quase que diariamente, na casa número 130 da antiga Rua Grande (hoje Pe. Cícero) onde acorriamromeiros, políticos, governantes em busca da bênção e amizade do sacerdote.

O nome Angélica é uma homenagem que sua mãe, Pastora Rodrigues, prestou à irmã do sacerdote, Maria Angélica Batista. D. Angélica morou durante muitos anos na casa e só chamava o padre, de papinha. Hoje centenária Dona Angélica sente dificuldade em recordar detalhes da convivência, mas sobre o padre, considerava um "rapaz muito bom para os pobres".

No livro "O Pe. Cícero que eu conheci", a escritora Amália Xavier de Oliveira diz que o "Pe. ao chegar a Juazeiro no dia 11 de abril de 1872 para fixar residência, trazia familiares como a sua mãe D. Quindô (o pai, Joaquim Romão Batista, morreu 10 anos antes, vítima de cólera-morbo), duas irmãs, Angélica Batista e Maria Angélica Batista e uma escrava, Teresinha Maria de Jesus. Quando conheci D. Quindô, ela já era cega e paralisada. Diziam que cegara de tanto chorar o exílio do filho quando por ordem superior teve que retirar-se de Juazeiro, indo para Salgueiros, em 1897. Além dos familiares, uma outra pessoa, a "esta Dona Mocinha (Joana Tertuliana de Jesus) governanta da casa e com poderes absolutos na administração dos bens, fazia parte do dia-a-dia da residência mais importante do pequeno lugar. Ela havia chegado a Juazeiro com 12 anos de idade, em 1876.

A artista plástica Assunção



Assunção guarda recordações do antigo Horto Gonçalves. 78 anos, ainda guarda no seu diário o seguinte registro: " Nesta tela registrei momentos que vivi na minha infância. O Pe. Cícero, na Rua São José, hoje Abrigo dos Velhos,



RCD médicos do Pe. Cícero, Mozart de Alencar

ainda escrevendo cartas. O timbre com a tampa ao lado, muitas vezes retrada por mim. O breviário, a História Sagrada, onde eu ficava olhando as figuras do Velho e do Novo Testamento, como também o "peso" de vidro em cima dos envelopes era a minha brincadeira".

A aproximação com o Pe. Cícero para Assunção Gonçalves, aconteceu porque o seu tio José Xavier de Oliveira, o Dedê, era um dos homens de confiança do religioso. Um ritual que Assunção não esquece era a chegada e saída do Pe. Cícero na missa das nove horas, rezada na Igreja de Nossa Senhora das Dores. "Eu ficava na calçada da casa do tio



Maria Angélica, 100 anos, morou na casa dele

Dedê esperando a chegada do automóvel Ford, dirigido pelo Seu Agostinho, trazendo o Pe. Cícero. Eu ia acompanhando ele até o altar e quando a missa terminava, o seguia até a saída da Igreja".

Uma imagem que marcou Assunção foi o exorcismo praticado pelo padre Cícero num homem que chegara à casa dele todo amarrado, e completamente fora de si. Recorda Assunção que a primeira providência do sacerdote foi mandar desamarrar o homem dominado por forças malignas: "Após a intervenção do padre o homem foi aos poucos adormecendo e acordou tranqüilo".

Uma das maiores tristezas de Assunção foi a destruição total da Igreja do Horto, que o Pe. Cícero começou a construir quando voltou de Roma, impressionado com a Igreja de São João de Latrã. A maquete foi construída em lãndere e o templo seria dedicado ao Coração de Jesus. "Anos depois da morte dele, o bispo mandou suspender os trabalhos. E o que já tinha sido construído foi se acabando, caindo, e nunca mais ninguém ressurta". No mesmo lugar construíram a sua estátua".

Quem também recorda, hoje em dia, momentos da vida do sacerdote, é o médico Mozart Cardoso de Alencar, 90 anos, e esclarece o tipo de sentimento externado por aqueles remanescentes e testemunhas da vida de um dos personagens mais importantes na história brasileira deste Século. Segundo o médico "os contemporâneos do padre Cícero não o veneraram como um santo, mas defendiam como um beato". E essa aproximação física determinava o grau de dimensionamento acerca do patriarca.

Mozart Cardoso de Alencar, formado pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1931, um dia foi chamado pelos familiares do Pe. para medicá-lo naquelas violentas crises de dores abdominais e vômitos. Na ocasião, ele constatou que padre Cícero sofria de ílio paralítico. O diagnóstico foi confirmado também pelos médicos Pio Sampaio, de Barabaha, e Elísio Figueiredo, residente no Crato.

"O Pe. Cícero sentou-se na cama e perguntou: 'Eu vou morrer, doutor?'. Eu não poderia dizer a verdade a ele. Continuei a acompanhá-lo o sofrimento dele. E naquela madrugada passada, eu segurando o seu pulso, ouvi quando ele abriu os olhos azuis, fitou o alto e disse: 'Vou ascêndu rogar à Nossa Senhora por todos vocês'. Ele continuou gemendo e chamei as pessoas e disse que o sacerdote estava morrendo. Ai senti que o coração parou. Trouxeram a imagem do Senhor e entronzaram nas mãos. Todos começaram a rezar". Finaliza Mozart de Alencar dizendo que o "padre Cícero era justo, muito religioso e dedicado, porém não era político e só vivia abençoando o povo".

Dona Generosa guarda acervo precioso



Ela lia livros e jornais para o padre

A professora aposentada Generosa Ferreira de Alencar, 80 anos, conheceu o Pe. Cícero em 1921. Ela foi criada no caso do Pe. Cícero e guarda como memorável sobre o Patriarca de Juazeiro, Generosa conta a história de como ela testemunhou no colégio do caso do sacerdote.

Seu depoimento:

"No meu residência todas as pessoas eram recebidas com carinho nos e pobres, autoritários e amigos. Havia um portão, José Gonçalves, que atendia a entrada das pessoas. A vida na casa dele não conheço dia nem noite. Já na terceira idade Pe. Cícero dormia pouco. Pela madrugada, ele terminava de rezar o rosário sendo acompanhado pelo copero Manoel das Moças, e em cima do mesa um bule de chá de folha de abacate, coberto com um abridor para não esfriar. Pelo manhã, o padre tomava a primeira refeição: café, leite, tomados ou fatias de pão-de-óo.

Logo cedo começa a vida social da casa. Romeiros, amigos, autoridades e outros que procuravam pedir conselhos, remédios e ajuda. Entre o café e o almoço, tomava leite ou suco de frutas. O almoço consistia de carne de arroz e leite, sendo pelo copero Maria Presto, em seus aposentos. Ele seguia um regime alimentar apropriado para quem sofria de constipação intestinal. De quatro em quatro horas tomava leite ou suco de frutas. À noite quando os visitantes se retiravam ele ouvia a leitura dos jornais e revistas do País ou a vida dos santos.

Em portador de memória prodigiosa. Se o leitor saltasse alguma frase, logo ele corrigia, dizendo: "A leitura está sem sentido volte o trecho". Uma noite, quando eu ia a visita de Santa Inês, marquei a página para continuar a ler

o café, leite, tomados ou fatias de pão-de-óo.

Logo cedo começa a vida social da casa. Romeiros, amigos, autoridades e outros que procuravam pedir conselhos, remédios e ajuda. Entre o café e o almoço, tomava leite ou suco de frutas. O almoço consistia de carne de arroz e leite, sendo pelo copero Maria Presto, em seus aposentos. Ele seguia um regime alimentar apropriado para quem sofria de constipação intestinal. De quatro em quatro horas tomava leite ou suco de frutas. À noite quando os visitantes se retiravam ele ouvia a leitura dos jornais e revistas do País ou a vida dos santos.

Em portador de memória prodigiosa. Se o leitor saltasse alguma frase, logo ele corrigia, dizendo: "A leitura está sem sentido volte o trecho". Uma noite, quando eu ia a visita de Santa Inês, marquei a página para continuar a ler

lura no dia seguinte. No dia seguinte, enquanto eu procurava o folho marcado, ele notou e disse: "Memina, wool ficou no trecho tal". Facilmente encontrei e continuei a leitura. Muitas vezes nos finais escolares ele solicitava a minha presença, para fazer tais leituras. Lia até altas horas da noite e só parava quando o beato Mozart vinho em meu socorro dizendo: "Já se faz tarde, é hora deste menino dormir". Ainda durante os férias, a leitura era realizada por Antônio Viana, e no período dos autos por Maria Mercedes Guimarães, Tainá da Farmácia e outros.

A pessoa de sua confiança maior era o beato Mocinho (Joana Tertuliana de Jesus), mulher privilegiada, inteligente e de temperamento forte possuidora de forte fé combatida.

Pe. Cícero sempre solo em visitas das famílias da cidade acompanhado por marquei o página para continuar a ler

Figura2. Notas de Jornal local sobre suas relíquias. Fonte: Notícias sobre o acervo de Padre Cícero. Fonte: DIÁRIO DO NORDESTE. Juazeiro. Contemporâneos relembram convivência. Fortaleza, Ceará, 24 de março de 1994. Pág. 04, Caderno Especial.

As fontes que comercializaram os acervos tinham de certa forma uma proximidade com ele, ao ficarem com seus pertences não viam sentido em guardá-los por mais tempo, dessa forma, foram comercializando os objetos próximos, móveis, acervos bibliográficos e manuscritos, cada um com um valor específico, inclusive sentimental. Nessa perspectiva, não se pode conceber exatamente o que foi combinado e cobrado, o que se sabe das observações de campo e das conversas informais é que a maioria foi vendida por conta de necessidades e de valorização das relíquias.

No contexto das representações culturais, no qual a memória está ligada, percebe-se que a valorização das imagens do passado tem sido atribuída à memória coletiva dos grupos, dentro dos quais os indivíduos mantêm-se unidos por lembranças, histórias ou períodos que lhes são particulares, ou de alguma forma foram relevantes às suas origens e também responsáveis



quando pensadas em comum. Dessa forma, permite preservar a identidade de um grupo, ainda que seja fora do seu território, como o Rio de Janeiro, enquanto expressão desse sentimento.

Sendo assim, esta pesquisa buscou a leitura da preservação da memória num momento em que a tradição dos grupos sociais já não se encontra mais viva no cotidiano de seus indivíduos, especialmente pela perspectiva do lugar, mas condicionada em outras esferas, como a proposta do que um museu traz sobre as origens de grupos e sentidos a eles atribuídos.

Ao considerar essa memória focalizada na imagem e representação, é possível que ela seja preservada em “lugares”, como museus, mas também nas narrativas, nas histórias, de sujeitos que possuem elo com essa representação de sentidos. Nesta abordagem adotada, memória, história e pertencimento serão analisados como distintos, mas sempre dialogando como protagonistas de sentido, ou seja, como os sujeitos os percebem, e, isso pode ser percebido na medida em que cada objeto, sujeito ou lugar reforçam a “realidade” em que foi produzida, a exemplo de cada objeto de memória.

Essa proposta, de compreender simbolicamente o lugar e as representações culturais de religiosidade e de simbologias pertencentes ao padre Cícero, culmina na compreensão da imagem característica da religiosidade popular dos adeptos ao Padre Cícero e como ela se constrói na memória coletiva dos conterrâneos, seja de terra, de pensamento e atitudes ou mesmo de fé, tendo, como base de interpretação, o passado, o presente e o futuro das relações entre a cultura (i)material da vida de padre Cícero.

Com a finalidade de garantir esse percurso, a memória será analisada por seu papel de guardiã no tempo e em outras espacialidades e significâncias na contemporaneidade, nesse caso, na feira de São Cristóvão, como um território de tradições nordestinas, que além de representam os sujeitos de produção (nordeste), corroboram com a formação de identificações entre seus adeptos e multiplicadores de sentidos, no caso da religiosidade e mesmo do consumo de bens simbólicos, como o turismo.

Na busca pela valoração dos objetos do passado em territórios distintos, tanto representado nas cidades diversificadas dos nove estados nordestinos, focaliza as cidades com maior concentração de nordestinos fora do nordeste, como Rio de Janeiro e São Paulo, e, ainda concentra aspectos de ressignificação dos objetos no espaço museológico, de criação popular e de sentidos para as “sociedades” que compõe esses sentidos

Aqui, entra o “como” a transmissão de conhecimento é efetivada, como ela é lida e representada para a sociedade e, nesse contexto, estão as leituras da população, dos visitantes e turistas, direcionadas pelos mais de 90.000 (noventa mil) visitantes da feira por mês.

Na imagem do padre Cícero, constrói-se um elo com o passado e suas gerações passadas – pais, avós, tios e demais membros que vieram para o Rio de Janeiro -, que tinha na figura simbólica de Cícero, uma relação direta com as raízes nordestinas, no caso da identificação dos visitantes, turistas e demais consumidores do espaço/território, ao considerá-lo como socialmente vivido. Outra consideração efetiva dessa análise, leva em conta a Tecnologia Social como enfoque, na medida em que é um modo de fazer, um modo de produzir conhecimento, que presta atenção em valores tais como a participação e o aprendizado, a disseminação de informações e do conhecimento entre todas as partes envolvidas, especialmente em relação aos que produzem o sentido e os que absorvem a ideia desse.

Nesse contexto, as imagens carregam os símbolos criados pelo povo, e dela se apropriam para a identificação com a terra de onde vieram ou mantém laços.

Há menções em trabalhos diversos sobre os nordestinos, sobre como “a Feira somou as funções simbólicas de nostalgia às trocas que garantiam a sobrevivência dos migrantes.” (VALVERDE, 2011, p.04).

Essa sobrevivência é visualizada em diversas formas, como é o caso das imagens condizentes à história do nordeste brasileiro em forma de sons, cheiros e sabores e também dos símbolos sagrados, como é o caso da fé em padre Cícero.

Dessa relação entre o discurso produzido e as memórias de infância e mesmo sobre as lembranças de outros, como é o caso de parentes que vieram do nordeste do país nos processos migratórios, - a história oral e, eventualmente, as histórias de lembranças, memórias e inquietações dinamizam aspectos envolvidos nessa análise, pois se considera que

As sociedades nas quais a memória social é principalmente oral, ou as que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, permitem melhor compreender esta luta pelo domínio da recordação e da tradição, esta manipulação da memória (LE GOFF, 2000, p.57).

Através das entrevistas - efetuadas com a coordenação da feira, sob a perspectiva do assessor de imprensa e braço direito da direção - também foi possível ensejar outras formas de pesquisar e organizar a informação, em conjunto com as comunidades, tais como dinâmicas de grupo, formação de equipes de trabalho e estudo, minicursos, entre outros métodos de pesquisa e de mobilização interativos aplicados para o levantamento dos dados, da forma quantitativa, buscando perceber a relação dos sujeitos com o território e dos turistas como mantenedores dessa relação identitária, seja pelo apelo à cultura do “nordeste”, seja pelas relações de valor ali estabelecidas.

O recorte inicial da cidade do Rio de Janeiro pretendeu nortear uma proposta ampla, sugerindo a extensão às demais cidades do entorno, como um mecanismo inicial, a fim de construir informações sobre a cultura e o patrimônio cultural religioso pelo padre Cícero.

O patrimônio, ao ser visualizado na natureza e na cultura de um povo, por meio de suas manifestações culturais, seus costumes e práticas cotidianas, percebidos especialmente na língua, na música e alimentação, na religiosidade e em outros momentos relevantes postulados pelos criadores e mantenedores, reencontra uma perspectiva subjetivada no papel da memória e da tradição, numa forma de construção de identidades e também de legitimação de nação pelos Estados modernos. A pesquisa também focalizou os bens culturais imateriais, conforme proposta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:

Os bens culturais de natureza imaterial estão incluídos, ou contextualizados, nas seguintes categorias que constituem os distintos Livros do Registro: 1) Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. 2) Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas. 3) Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. 4) Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas (BRASIL, 2006, p. 22).

Desses bens, na Feira de São Cristóvão, destacam-se a culinária típica, o artesanato, os sabores, cores e odores produzidos no espaço e que fomentam a vinda de visitantes ao local. Na formação desse território, condensam-se sujeitos e moradores do bairro que, de certa forma, mantém um elo com o nordeste e todo o seu povo.

As relações entre as memórias vão sendo escritas nesse território composto de lembranças, pois, a visibilidade conferida à cultura nordestina perpassa apenas uma parte de suas representações materiais e imateriais. Outras referências que contribuíram para a afirmação de

uma identidade nordestina puderam ser encontradas nos próprios estereótipos usados pelos cariocas. A figura emblemática de Lampião, justiceiro e fora da lei, foi incorporada como um tipo ideal da cultura nordestina: rústica, autêntica e viril. A imagem do sertão semi-árido é celebrada como uma paisagem nordestina, onde a vida é mais honesta, ao contrário da hipocrisia cosmopolita das cidades. É perceptível também o uso da arte naif – sobretudo as esculturas e a literatura de cordel - como elemento identitário, relativizando a pequena valorização. O que era visto como sinal do atraso, da pobreza e da falta da educação ganhava força como discurso afirmativo nordestino. (VALVERDE, 2011, p.5-6)

As caracterizações do povo nordestino, incluindo aspectos da sua cultura popular, vêm desenhando uma relação de representação material e imaterial do espaço. Essas relações vão sendo afirmadas e negadas no espaço e passam a ter uma representação aceita no momento em que há certa valorização, como é o caso das visitas, dos turistas e outros que vão redefinindo o espaço como sendo um terreno fértil de singularidades do outro. No caso dessa afirmação, referente aos aspectos de valorização ou desvalorização apregoados aos sujeitos produtores de sentido, percebe-se uma aproximação com o que se vende, como se vende e como almeja a fidelidade desse consumo, seja de bens materiais ou imateriais, onde a religiosidade se aloca.

A formação de acervos que vão aos poucos inserindo as histórias de vida de personagens da história do nordeste reescreve os processos de migrações, pois, redesenham aspectos que não foram pensados até o momento, como é o caso de figuras emblemáticas como a do padre Cícero e sua leva de seguidores.

Ao criar um ambiente propício para a religiosidade, apregoa-se uma relação mais sensível com a população e os visitantes, comemorando e abraçando um a vertente popular que é a fé e suas representações na cultura material e imaterial.

O turismo como meio interveniente nesse processo de valorização e consumo, passa de certa forma a ser um dos meios de produção de sentidos. Esse sentido se dá como processo de luta pela hegemonia do chamado “discurso forte” (BOURDIEU, 1998, p.136) e, esse pode ser assente no que se considera um meio de disseminação de discursos, ora produzidos para criar uma imagem, ora para modificá-la.

A feira de São Cristóvão e a própria ideia de formação da imagem por meio da religiosidade e da cultura nordestina passa por essa criação de sentidos e de consumo, planejada e ampliada no conceito do turismo, seja pelo segmento gastronômico, cultural e mesmo religioso.

O turismo efetivamente se condensa na relação com a representação de padre Cícero quando formado o elo com a produção de sentidos, de fé, religiosidade e mesmo de pertencimento com o lugar. O simples fato de compor a entrada principal com sua imagem favorece o “sentido” criado e ressignificado nesse território de saberes e sabores que é a feira.

Na medida em que o espetáculo se forma, seja por meio de subterfúgios materiais ou imateriais, a ideia de sentido e de lugar vai se organizando e seduzindo o espectador, turistas e visitantes identificam-se com essa forma de conceber o entretenimento além do cotidiano. A diversão é postulada, reproduzida, seduzindo públicos (turistas) por meio do viável que atrai esses turistas e seus contextos sociais imediatos, criando a reinserção de uma materialidade e uma concretude cada vez maior, pois o consumo estético realizado, durante o seu tempo de lazer, é uma imagem tangível. É a prevalência desse existente empírico, na sua simples complexidade, que conduz a relativização do poder da razão e a concordância sobre a eficácia da imagem (MOESH, 2000, p.121).

O público espera a diversão, muitas vezes revestida com um sentido ou sentimento de prazer e ao mesmo tempo, de reverência a sentidos do passado, como a religiosidade de antepassados.

Dos questionários aplicados, grande parte (cerca de 80%), visita a feira por compreender diversão, lazer, entretenimento e pertencimento, em um só lugar.

3. Território e acervos: os bens de padre Cícero na Feira

O território de memória, fé e religiosidade das representações culturais do Padre Cícero na feira de São Cristóvão, Rio de Janeiro, acaba produzindo discursos e direcionamentos sobre o legado transmitido no tempo, que servem como instrumentos embaixadores de estratégias de controle do espaço, na medida em que sujeitos da própria comunidade afirmam a devoção, as práticas populares de crença e mesmo a manutenção de inúmeros seguidores temporalmente construídos, mas que ainda devotam ao “padim”. Esse viés concretiza-se na medida em que sua efetivação de poder no presente depende do valor atribuído no passado e como isso será visualizado no futuro, quando da intenção em torná-lo um “santo”, devotos vão construindo outros sentidos às práticas do passado, dos seus ensinamentos à própria ideia de ter um santo oriundo do Brasil, especialmente do nordeste brasileiro.

Dessa forma, tentou-se compreender a reivindicação social do direito de “cultivar” as memórias de religiosidade e cultura popular em outros territórios, expressivamente a questão de que a História pode ser apropriada por discursos/representações de grupos sociais, que convencem segmentos múltiplos capazes de produzir sentidos, objetos e mesmo territórios entre o passado e o futuro dos homens/grupos que fazem parte da sociedade.

Com essa expectativa, envolveu-se, nesse diálogo, a representação de fé e religiosidade, a partir da imagem do padre Cícero no Rio de Janeiro, em especial por meio da apreensão do significado produzido pela Feira de São Cristóvão na contrapartida do sentido de produção da memória em Juazeiro do Norte, local de produção dos valores a ele atribuídos, socialmente concebidos.

O que foi indagado, nessa perspectiva, debruça-se em torno do uso da memória socialmente construída e produzida pelos sujeitos oriundos de outras localidades e que ora representam a cidade onde nasceu e ora a “cidade” onde se apropria das representações e imaginários, elaborados sobre esses outros espaços culturais. Para isso, utilizou-se a memória não apenas decifrada como conservação do passado, mas, como um trabalho sobre o passado (BOSI, 1987).

Essa relação entre turismo, religiosidade e o próprio sentido da fé, é valorizado também na medida em que a discussão sobre a santificação dele pelo vaticano torna pública. Ao tentar compreender, nas ressignificações, o sentido das relações sociais envolvidas nos processos de construção do passado através dos objetos, como é o caso da Feira de São Cristóvão, e a produção de acervos e significações, faz-se necessário rever os interesses do presente, especialmente para entender as representações dos sujeitos tanto produtores desse processo quanto receptores – nesse caso os visitantes, turistas e moradores de São Cristóvão.

O valor dado ao sujeito vai de encontro à produção de sentido que vai sendo costurada em torno do padre na feira. Esse lugar (museu) ao ser criado atende aos anseios de devoção e religiosidade tanto dos visitantes/moradores pertencentes quanto de turistas que buscam compreender a relação entre a interação de fé e matéria organizadas a partir do pertencer de sujeitos sociais adeptos a essa manifestação e expressão de fé.

O espaço/território da feira compromete-se a formar não apenas um elo com o passado, mas uma forma de garantir as identidades, manter a luta pela história e as concepções cotidianas e

de grupos específicos. Há também a representação das afinidades políticas desse processo, na qual as relações de construção social de memórias podem caracterizar um embate conflitante que, de certa forma, escolhem o que deve ser lembrado e esquecido.

Indiferente desse “novo” território, representado pelo espaço museológico, os objetos que se referem à vida e obra do padre Cícero possuem e referem significados e sentidos que se relacionam e formam a memória social.

Essa perspectiva é produzida pelos sujeitos que organizam e ofertam a musealização, campo entendido como a projeção no tempo e no espaço dos processos que incluem os sujeitos, os objetos e a forma de visibilidade dos mesmos num cenário específico (RÚSSIO, 1981).



Figura 3. Objetos do Padre Cícero. Museu Luiz Gonzaga. Feira de São Cristóvão, 2015. **Fonte:** Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo

A referida exposição, na composição atual, além de ser considerado um ‘lugar de memória’, é um espaço político de construção de sentidos sobre o passado (GOMES e OLIVEIRA, 2010. p. 51). Nesse sentido, a leitura dos acervos conduz, a partir da construção social da memória, os sentidos e significados dados a objetos, indiferente do significado atribuído em outros tempos. Dos objetos e relíquias apresentados no museu, compreende que a fé e a devoção são os entrepostos de sentidos dado à relação dos visitantes com a memória representada pela própria biografia de Cícero Romão Batista.

A crítica faz-se à eleição do que foi mantido e eleito para ser preservado, pois, as “memórias e identidades sociais estavam em jogo nessa operação” (JULIÃO, 2006, p. 102). E, nesse movimento, a ressignificação dos objetos da obra e da vida cotidiana do padre Cícero legitima-

se no sentido que teve no passado, especialmente o que foi construído e aceito pela sociedade e pela própria Igreja.

Padre Cícero é uma representação da tradição religiosa nordestina, todavia, também, simboliza o povo, as migrações, as lutas sociais e a cultura popular e, principalmente no Rio de Janeiro, os territórios de nordestinos fora de Juazeiro do Norte, que demonstram apego ao passado e ao pertencimento, especialmente, a relação do povo com seu lugar, aquele que remete à infância, à fé e à imagem de alguém que nasceu e viveu nas terras, que ora significam identidades.

Além das imagens norteadoras de fé e devoção estão alguns pertences do padre, adquiridos por sujeitos que tentam armazenar no tempo essas relíquias, ou seja, pelo “guardião da memória”, e, nesse caso, o gestor da Feira de São Cristóvão, Senhor Marcelo Fraga, que, além de ser um multiplicador de acervos no caso da feira de São Cristóvão, organizou um acervo a partir do processo em que adquiriu objetos de memória na cidade de Juazeiro do Norte. Em entrevista, Marcelo Fraga, traça um panorama da proposta do Museu e destaca algumas ponderações diante da sua própria função de “guardião da memória”:

Então qual é a ideia, é a gente fazer esse centro de documentação aqui pra dar, abraçar os nordestinos aqui, pra gente saber quem são os nordestinos aqui, o que eles precisam, o que a gente pode propor, organizar essa história dele, porque, por exemplo, você acha que esse material aqui que nós temos tá faltando, quem é que está contando a história do Padre Cícero? Será que essas coisas não são importantes? Que a Dona Generosa não falou que era beata, então teremos como contribuir com a história né? a montagem da história da feira, contar as história dos cordelistas, cadastrar os cordelistas, eu já falei pro Marcio, - funcionário da feira – [...] eu quero o nome e o contato de todas as personalidades da feira, aqui temos uma mulherzinha que ela dança aqui o tempo todo, todo final de semana a mulherzinha tá aqui, é a coisa mais linda do mundo, então eu preciso ter o cadastro dela, né? De todos os xilógrafos, de todos os cordelistas, de todos os repentistas, fazer reunião com eles, estão precisando mais, sabe, vamos lançar um cordel, vamos comprar uma maquinazinha de cordel, meu Deus é tão barato uma máquina, por cinco mil reais você compra uma gráfica de cordel, então pra gente incentivar, dai tem as escolas de samba, eu trago as escolas e faço as visitas guiadas, então ali a gente fez a conferência de saberes, futuramente quero fazer isso aqui no auditório, então a gente recebe essas crianças, você precisa ver como elas saem daqui, então tem teatro de fantoches, teatro de marionetes, então a gente precisa contar essa história [...](FRAGA,M. 2016)

Marcelo Fraga, conta um pouco da sua trajetória e também dos princípios que o levaram a participar dessa construção de acervos e de memórias, nas quais estão ligados os objetos, a arte popular, os sentidos de cada objeto e também o seu papel nesse processo, dessa forma, ao contar sobre as propostas da feira, inclui “padre Cícero” no acervo e também na forma de tratar do sujeito nordestino e sua representatividade na cidade e no território da feira.

Essa possível organização dos espaços culturais da feira traz benefícios tanto à própria proposta dos eventos, planejamento e execução das atividades quanto da ideia de ter uma forma de garantir a história e a cultura do nordestino nesse território que é o Rio de Janeiro dos nordestinos, assim, diz:

Ensinar pra eles o que é cultura, tem os analfabetos aqui, a gente precisa trazer um curso de alfabetização aqui pra dentro, então tem muitas coisas que temos que vai ajudar o desenvolvimento do nordestino e carioca, então aos trintas anos pro centenário da feira, né, já vamos fazer, e eu e a Priscila vamos coordenar ainda o centenário da feira, to vendo lá na frente, vou estar de bengalinho, sou igual o Eduardo Paes [...] lançou Rio quinhentos, então meu projeto é feira cem por cento, cem anos de feira, que ela é cem por cento, professora Elis queria que ela escutasse isso, que é o projeto que é cem por cento nordestina, ou seja, passa um pente fino

né, feira cem por cento nordestina, passar um pente fino tirar tudo que não é do nordeste daqui, cem por cento brasileira, pra ser cem por cento brasileira ela tem que cumprir todas as normas e regras técnicas de alimentação, de saúde, de tudo, acessibilidade, né vamos inventar tudo que a gente puder e cem por cento carioca que a gente tá aqui pra acolher o carioca, entendeu?

A ideia de ser referência do nordeste na cidade do Rio traz consigo uma missão atrelada ao papel da feira, além da comercialização dos objetos, instrumentos, sabores e saberes típicos, singulares, ou seja, também formar um elo de pertencimento com o nordeste, e sua história, rememorando aspectos relevantes, como é o caso do padre Cícero, figura de importante fatuidade histórica não apenas do Ceará e seu povo, mas de todo nordeste do Brasil.

Outras leituras vão sendo definidas por Marcelo ao esboçar a sua proposta para a feira e a missão social e cultural deles:

“Então são três frentes, cem por cento nordestinas, cem por cento brasileira e cem por cento carioca, e são trinta anos pra gente chegar, cumprir tudo isso aí, daí a gente vai ter uma feira autossustentável, porque esses cones aqui estão errados, esses ferros, eles foram construídos pra baixo, tá vendo? Então eles abafam você não viu o calor que é lá, então se a gente mudar esses cones assim a gente cai captar à água da chuva tá certo, a gente vai captar a energia solar ó o espaço que a gente tem pra isso, e a minha ideia era possibilitar pra eles, a gente tem aqui o térreo, já eu tenho o primeiro andar como vocês vão ver em algumas barracas e eu queria possibilitar pra eles construir um segundo andar com isso, porque não tem mais pra onde crescer a feira e ela precisa né? Ela tem que subir ou descer, tem subterrâneo, mas é caríssimo, estacionamento poderia ser legal, mas então tudo isso a gente tem que pensar porque da feira pra daqui a trinta anos ter um caminho porque se não a cada diretoria vai pra lá, vai pra cá, ou seja, não vai pra lugar nenhum, então se a gente tem um pensamento de Universidade aqui à gente consegue seguir, é e a gente pode apoiar tudo na dança, no cinema, na fotografia, em todas as vertentes culturais, sociais, ecológicas, tudo isso a gente pode por em prática, e é onde entram os projetos que a gente tá fazendo junto com a cultura, essa equipe da cultura (ISS) está sendo maravilhoso e a gente esta trabalhando com eles, com esses equipamentos culturais no Rio de Janeiro, entendeu? Então isso acho muito legal porque a gente tem que cumprir uma missão, que pra nós é muito importante pro nordeste, por ser muito importante, temos que ser referência e levantar essa bandeira e tem bandeiras muito bonitas que o nordestino levanta, eu acho muito legal isso em termo de cultura, é que por exemplo a cultura do Rio de Janeiro, qual é a cultura do Rio de Janeiro? É a cultura de quem veio de fora, quem é o carioca nato? Não sei, porque foi na época do primeiro, então foi o português? Então né, nordestino não é carioca, Rio de Janeiro não é carioca, mas quem é o carioca? Tá, então essas culturas vieram de fora de tamanha importância delas que a gente precisa resgatar e trabalhar isso aí”. (FRAGA, M. 2016)

O seu trabalho cumpre um papel importante para ampliar a missão da feira que é unir e reunir os nordestinos de lá e cá. Essa relação se torna possível na medida em que sentidos vão sendo incorporados à feira e também na própria função social dela, que inclui a educação, a sociabilidade, e a pesquisa. Outras formas de trazer visitantes são os atrativos condensados em sons, cores e sabores, além da própria religiosidade, agora na figura de padre Cícero Romão Batista, que, a partir da relação religiosa e cultural vai sendo uma proposta nova de sentido para a localidade.

4. O turismo cultural e a feira de São Cristóvão: as relações com os visitantes

O turismo forma-se a partir da identificação dos espaços tidos como atrativos. A preferência por um passeio turístico também parte da prerrogativa de que a opção do lugar passa pela escolha de si, de seus protagonismos de identidade e mesmo de alterativa cultural. No caso da Feira de São Cristóvão, muitos são os aspectos que levam visitantes a escolherem esse destino de lazer e atividades diversas. Da gastronomia à expressão artística do povo nordestino, vai, aos poucos, traduzindo seus espaços como território de sabores e saberes, tornando-o parte de um Turismo Cultural. A relação de formação desse espaço, enquanto um elo com a herança migrante nordestina pode ser vista como um dos aspectos de sua escolha como opção de lazer e identificação. Nesse sentido,

A Feira de São Cristóvão começava a se transformar em um acontecimento cultural no qual os migrantes nordestinos poderiam celebrar a sua região de origem. Tratava-se nesse momento de um lugar onde a memória do Nordeste permite a autoafirmação. De fato, a Feira somou as funções simbólicas de nostalgia às trocas que garantiam a sobrevivência dos migrantes (VALVERDE, 2011. p. 04).

A feira, de início, acontecia só aos domingos, pretendendo ser uma réplica das grandes feiras do Nordeste, mas na atualidade, funciona de terça a quinta-feira, entre 10h e 18h, com entrada gratuita, mas nos domingos cobra-se R\$ 3,00. Quer dizer, foi transformando-se aos poucos em um lugar de visitação diária, pois, seu público aumentou gradativamente, especialmente por conta do turismo no Rio de Janeiro e também pelo número de nordestinos e descendentes na região. (JÚNIOR, E. PORTO, Elizabeth, 2002)

Do cordel ao sabor da terra, a feira vai garantindo o elo do nordeste com a cidade do Rio de Janeiro e, em especial, reafirmando as identidades nordestinas, pois, abrange a região e as típicas cidades que compõe os vários Estados e suas singularidades.

O Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - ICOMOS trouxe o conceito de Turismo Cultural “enquanto uma forma que tem como premissa [...] o conhecimento de monumentos e sítios histórico-culturais”. (ICOMOS, 2008)

A Organização Mundial de Turismo – OMT entende o Turismo Cultural como “o movimento de pessoas, devido essencialmente a motivos culturais como viagens de estudo, viagens a festivais ou outros eventos artísticos, visitas a sítios e monumentos, viagens para estudar a natureza, a arte, o folclore as peregrinações” (OMT, 1995, p.14).

Das múltiplas conceituações propostas tanto no Brasil quanto em âmbito internacional, algumas características parecem comuns à denominação Turismo Cultural, exemplificadas:

- originalidade e diversificação dos serviços: os elementos da cultura local, objetos e expressões, tais como alimentos e bebidas, música, elementos decorativos, entre outros;
- significado dos bens materiais e imateriais para a comunidade;
- paisagem, que inclui edificações históricas e suas representações, tanto no espaço urbano quanto rural.

Além dessa apreensão conceitual, as relações entre o turismo cultural e a religiosidade, por exemplo, passa pelo crivo da forma em que o objetos/símbolo foi apreendido, apresentado e multiplicado.

O sentido da fé e da religiosidade e sua manifestação ao objeto em si, como a figura do padre Cícero, passa a ter uma conotação tanto cultural quanto religiosa, fazendo parte desses dois tipos de turismo e de turista. Quando o turista viaja em peregrinação, em busca da fé e da contemplação da fé, enquadra-se dentro do turismo religioso, mas quando viaja em busca dos aspectos culturais, artísticos e mesmo religiosos, como contemplação de templos, imagens e artes, parte-se da premissa de que faz um turismo cultural.

Da pesquisa sobre o Padre Cícero, considerando os dados quantitativos, pode-se dizer que, dos 346 questionários aplicados, cerca de 60% dos visitantes tem algo em comum com a fé e a religiosidade, além de ter na imagem do padre uma devoção geracional e mesmo tradicional. Cerca de 70% são moradores do Rio de Janeiro e 30% turistas de todos os estados brasileiros, que consideram aspectos ligados à tradição dos saberes e sabores como marcas e expressões advindas geracionalmente pelas famílias que vieram e trouxe a comida, a música, a literatura, a forma de se vestir, andar, viver e se expressar. Essa conotação foi traduzindo a apropriação do turismo pela figura da religiosidade e os aspectos nordestinos fora do nordeste.

A imagem de fé vai sendo representada nos espaços vivos e itinerantes da feira. Padre Cícero se encontra em diversas esferas, da imagem ao santinho souvenir, até seus móveis, objetos pessoais, indumentárias e outros.

A primeira vista, o museu na sua função já carrega a representação de outros tempos, mas a religiosidade passa a ser uma forma de trazer os visitantes que tem uma relação mais próxima ao “santo” ou a imagem “sagrada”.

Tanto a cultura como a religiosidade vão reescrevendo a função dos espaços e desse território de tradições, no qual as relações vão sendo desenhadas e incorporam-se os sentidos que os objetos tem para a vida dos visitantes e turistas. Parece se transformar em uma modalidade de lugar, que cumpre sua função social. Nesse sentido as relações que sacralizam a imagem de padre Cícero lhe confere sentido, transformando-o em sagrado. (ELÍADE, 1992, p.13)



Figura 4. Estátua de Padre Cícero – Feira de São Cristóvão, RJ. Fonte: Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo

A feira, com a exposição do Padre Cícero, passa a ser, para os visitantes, uma forma de contemplar a cultura, a fé, os sabores, cheiros e símbolos, mas não se refere apenas ao turismo religioso, e sim a tudo que é produzido e promovido no território de tradições nordestinas. Os sentimentos vão sendo atribuídos à imagem que elabora o sentido de fé, de expressão e de atos como o de rezar, pedir e agradecer.

O elo que os liga ao passado está nesse território, onde contempla, sente e volta ao tempo ou mesmo às memórias de seus antepassados.

A cenarização dos lugares é projetada para influenciar a escolha do turista, “os cenários do lazer surgem a partir da apropriação de imagens com o objetivo de compor repertórios de lugares turísticos que possam ser facilmente identificáveis ou categorizados pelo turista”. (SILVA, 2004, p.22).

A contemplação da fé no museu passa a ter um sentido e significado para os visitantes e turistas que extrapola as relações culturais do objeto, dotando-os de sentido religioso, tendo na imagem do padre um símbolo e um ícone condensado nas relações com o nordeste do país, a esse respeito estão às menções a religiosidade que extrapola o território, quando referenciado o uso de rezas, de devoções e demais apreços ao padre indiferente do lugar onde estão vivendo na atualidade, isso serve também aos turistas oriundos do nordeste em geral, quando dividem a relação com a imagem e símbolo do padre.

Ao mesmo tempo, o lugar vai sendo criado a partir da produção de sentido, cenograficamente pensada para envolver o elo com o passado, de forma que, ao passo em que rememora aspectos do passado e da história dos migrantes e seus antepassados, também significa a produção de turismo e lazer à população que aspira esse cenário.

5. Considerações Finais

Ao considerar as representações culturais de fé e devoção da cidade de Juazeiro do Norte, por meio da imagem, artefatos e símbolos de padre Cícero, diversas inquietações surgiram, nas quais sua vida e obra vão postulando novas direções, em especial, a cultural, social, política e religiosa, num novo rumo à sua história, agora aceita pela Igreja Católica.

Especialmente, por conta de sua conversão em importante líder religioso e, conseqüentemente, num santo de devoção popular, todavia promotor de diversas inquietações no meio acadêmico e religioso, tornou-se tanto uma imagem/objeto de devoção quanto de peregrinação, na qual a cidade onde edificou sua comunidade, Juazeiro do Norte, passa a ser significativo centro de visitas turísticas de cunho religioso e da cultura popular, além de favorecer a criação de outros territórios de relevância sociocultural.

Os lugares de memória possuem em seus “sentidos”, a escolha das lembranças, ao considerar que a memória não é espontânea, pois, essa necessidade do acúmulo de vestígios, testemunhos e documentos sobre o passado formam registros do que tinha relevância temporalmente construída, neste caso, a feira de São Cristóvão, ao escolher os objetos de memória, apoia-se na ideia de que, enquanto instituição que tem também um cunho museológico, com arquivos, biblioteca, objetos e instrumentos, de certo modo, tem a missão de salvaguardar a memória popular, e, passou de múltipla e coletiva, para única e sagrada.

Os objetos mais alinhados à formação da representação da cultura do padre Cícero, entre os quais se justificam como objetivos primordiais de memória e identidade simbolizam, nos espaços diversos da exposição, o rememorar dos sentidos e sentimentos por meio do museu, mostras, livros, artigos, espaços e da própria decoração dos lugares, buscando conservar e cultivar a história viva sobre os personagens, sujeitos e personalidades mais importantes do nordeste, como é o caso da Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro.

No caso do sentido adquirido em outro território, como no município do Rio de Janeiro, o qual mantém um elo de pertencimento e identificação com as cidades que fazem parte do universo simbólico nordestino, a exposição do padre, ou seja, a sua imagem como um elo com o passado de fé e religiosidade, cumpriu sua função de preservação da cultura popular, pois, esses objetos trazidos para a feira, fomentam o elo com suas relações com contextos sociais específicos, no caso, coma história de padre Cícero.

Essa perspectiva diz respeito à função do passado e dos espaços e territórios passados em conformidade com o presente ressignificado no território. Essa escolha de objetos de memória não encerra sua contextualização e as experiências postuladas no universo de símbolos agregados à ideia do mentor de inúmeras pessoas, que corroboram com os milagres do padre, embora com as suas idas e vindas à Igreja Católica e, recentemente, atualizados, mas com uma nova significância, em virtude da acolhida de sua personalidade pelo Vaticano, agora aceita e regradada pelo sentido sagrado. (VATICANO, 2015)

Os objetos possuem uma valorização diferente, além de ser parte de um acervo aceito e dignificado por autoridades eclesásticas, contemporaneamente, a sua importância mudou de figura, pois, conformou-se a eles uma condução da fé, uma legitimidade, agora aceita pelos dogmas da Igreja. Até porque se sabe que a simbologia depende de quem lhe atribui o mérito, sendo esse estudado nesse artigo, adquiriu, presentemente, um significado maior dado pelo catolicismo, ora representado pelo poder máximo da Igreja, quer dizer, a fé ao “Padim Çiço” conduzida não apenas pelo apelo profano, mas também pelo sagrado, aceita tanto pelas autoridades católicas quanto pela sociedade dela conforme.

Além dessas referências, não se pode negar a criação de produtos turísticos voltados para o público “cultural” e “religioso”, pois, cada sentido dado ao passado em um lugar de produção de turismo corrobora com a cenarização de novos objetos e sentidos, ora apropriados ora recriados pelos “sentidos do passado”, como é o caso do museu que se constrói.

A imagem do padre Cícero é um caminho para a relação que se estabeleceu na criação da feira de São Cristóvão, no intuito de favorecer um elo e uma identidade, e dar sentido à vivências sociais pelo grupo e para o grupo que também se apropria do turismo para se estabelecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz - **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

AQUINO, Pedro Ferreira de - **O Santo do Meu Nordeste. Padre Cícero Romão Batista**. São Paulo: Letras & Letras, 1997.

BARBOSA, Geraldo Menezes - **A um Sopro do Infinito**. Juazeiro do Norte: Realce, 2007.

BARBOSA, Geraldo Menezes - **Relíquia: o mistério do sangue das hóstias de Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte: Gráfica e Editora Royal, 2004.

BOSI, Ecléa - **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A Queiroz, Edusp, 1987.

BOURDIEU, Pierre - **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRASIL - **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)**. 2006.

CONTE, Ana Carolina Papacosta - **A proteção do patrimônio cultural brasileiro em face do direito ambiental: o centro da cidade de São Paulo e sua tutela jurídica**. Dissertação. Mestrado em Direito. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

DELLA CAVA, Ralph - **Milagre em Joazeiro**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

DIÁRIO DO NORDESTE - **Juazeiro**. Contemporâneos relembram convivência. Fortaleza, Ceará, 24 de março de 1994. Pág. 04, Caderno Especial.



DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO - **Feira de São Cristóvão recebe mais de 3 milhões de visitantes**. Poder Executivo - Ano XXII - N0180, Terça-feira, 9 de dezembro de 2008.

ELÍADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

FORTI, Maria do Carmo P.- **Maria de Araújo, a beata do Juazeiro**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

GOMES, Alexandre Oliveira; OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de - A construção social da memória e o processo de resignificação dos objetos no espaço museológico. **Museologia e Patrimônio**, v. 3, n. 2, jul/dez de 2010.

GUEIROS, Optato - **Lampião**. 2 ed. São Paulo: s/ed. 1953.

ICOMOS - **Carta dos Itinerários Culturais** - Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais (CIIC) do ICOMOS, ratificada pela 16ª Assembleia Geral do ICOMOS, em 4 de Outubro de 2008, no Québec, Canadá.

JUAZEIRO - Contemporâneos Relembra Convivência. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, Ceará, p. 04, Caderno Especial, 24 de março de 1994.

JULIÃO, Letícia - A pesquisa histórica no museu. **CADERNO de Diretrizes Museológicas I**. 2a ed.. Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus, 2006, p. 93-105.

JÚNIOR. Elzário; PORTO, Elizabeth - Feira de São Cristóvão: Patrimônio Cultural, Histórico e Artístico. **Caderno Virtual de Turismo**, Vol. 2, N° 3 (2002), p.11-16.

LE GOFF, Jaques - **História e memória**. Lisboa: Edições 70, 2000.

MENEZES, Fátima - **Lampião e o Padre Cícero**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1985.

MOESCH, Marutschka - **A produção do saber turístico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

NEMER, Sylvia - **Espaço Urbano e Migrações. Feira de São Cristóvão: Os desafios da Memória**. Curitiba: Prismas, 2016.

NETO, Lira - **Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOBRE, Edianne S. - **O Teatro de Deus: as beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro (1889-1898)**. Fortaleza: Edições IMEPH/UFC, 2011.

NORA, Pierre - **Entre história e memória. A problemática dos lugares**. Projeto História. PUC. São Paulo, v.10, n. 10, p. 7-28, dez/1993.

OLIVEIRA, Amália Xavier de - **O Padre Cícero que eu conheci**. 3 ed. Recife: Editora Massangana, 1981.

OMT- Organização Mundial do Turismo. **Conceitos, definições e classificações e estatísticas para o turismo**. Madrid: OMT, 1995.

RIO DE JANEIRO. Estado. **Edital de seleção nº. 005/2016/**. Pró-reitoria de Extensão da UFRRJ. Seropédica: UFRRJ, 2016.

RIOS, Kênia Sousa; RAMOS, F. Régis Lopes - O cultivo da lembrança no multiculturalismo: além da memória, mas aquém da história. In: FUNES, Eurípedes; LOPES, Francisco Régis; RIOS, Kênia Sousa; RIBARD, Franck (org.). **África, Brasil, Portugal: História e ensino de História**. Fortaleza: Editora UFC/ Expressão Gráfica e Editora. 2010.

RÚSSIO, W. - L'interdisciplinarité em muséologie. *Museological Working Papers/Documents de Travail Muséologique*, n. 2, p. 58-59. Stockholm, 1981.

SILVA, Antenor Andrade - **Cartas do Pe. Cícero**. Salvador (Bahia): Escolas Profissionais Salesianas, 1982.

SILVA, Maria Da Glória Lanci - **Cidades Turísticas: Identidades e Cenários de Lazer**. São Paulo: Aleph, 2004. (Série Turismo).

SOBREIRA, Azarias - **O Patriarca de Juazeiro**. Petrópolis: 1968.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de - **Bens Culturais e sua Proteção Jurídica**. 3a. ed. Curitiba: Juruá, 2009.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe - **Transformações da feira de São Cristovão: recriando o lugar do migrante**. *Mercator*, Fortaleza, v. 10, n. 21, p. 81-90, jan./abr. 2011.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

BRAGA, Laurindo. Perdão a Padre Cícero leva 100 mil romeiros a Juazeiro do Norte. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral/perdao-a-padre-cicero-leva-100-mil-romeiros-a-juazeiro-do-norte,10000005373> > São Paulo: Estadão, 20 de dezembro de 2015. Acesso em 10/02/2016.

BRASIL. IBGE. Censo demográfico das cidades 2006. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230730>>. Acesso em: 29 de Nov. de 2014.

FEIRA de São Cristóvão terá passaporte para atrair turistas. Disponível em: <http://www.querodiscutiromeuestado.rj.gov.br/noticias/2959-feira-de-sao-cristovao-tera-passaporte-para-atrair-turistas>.> Acesso em: 12/01/2016.

JUAZEIRO DO NORTE. Cidade de Todos. Disponível em: <http://www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Polo-artesanal/>>. Acesso em: 29 de nov. 2014.

RADIO VATICANO. A voz do Papa e da Igreja em diálogo com o mundo. Cardeal Dom Orani Tempesta: Padre Cícero Romão Batista. Juazeiro (RV). 2015. Disponível em: http://br.radiovaticana.va/news/2016/02/02/cardeal_dom_orani_tempesta_padre_c%C3%A0cero_rom%C3%A3o_batista/1205482> Acesso em 20/05/2016.

TITO, Cléber. Feira de São Cristóvão completou 69 anos com muita alegria e novos projetos. 07/10/2014. Disponível em: <https://clebertito.wordpress.com/2014/10/07/feira-de-sao-cristovao-69-anos-com-muita-alegria-e-novos-projeto/>>. Acesso em: 21 de setembro de 2015.

VATICANO. Autorizada pelo Vaticano a Reconciliação de Padre Cícero com a Igreja. 15 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://misericordia.org.br/autorizada-pelo-vaticano-a-reconciliacao-de-padre-cicero-com-a-igreja/>.> Acesso em: 12/04/2016.



ENTREVISTA

FRAGA, Marcelo – Gestor da Feira de São Cristóvão - entrevista concedida em datas distintas: 01/12/2015; 02/02/2016; 20/01/2016; 24/01/2016 – Local: feira de São Cristóvão, Rio de Janeiro.

IMAGENS

Acervo fotográfico de Elis Regina Barbosa Angelo – Fotografias dos anos de 2014, 2015 e 2016.